

# I

*Visita o interior da Terra,  
rectificando encontrarás a Pedra Oculta.*

Olhei para cima, estava no interior daquilo a que se convencionou chamar uma Câmara de Reflexões. Um pequeno cubículo, de um por um metro e com cerca de três de pé direito. Estava coberto por lâminas de mármore negro, com algumas faixas em seda negra e que reluziam, com suavidade, devido à vela acesa do castiçal dourado, pousado numa minúscula banca pintada de negro mate, onde também se encontrava um pequeno cofre, um galo, uma tigela com sal, o galo era de metal, uma caveira que, no meio de todo aquele cenário, pareceu-me ser verdadeira. De quem seria? Papel branco, em folhas A4 soltas, estava ordenadamente colocado em cima da banca negra. Numa cartolina estavam dispostas, bem legíveis, três perguntas aparentemente ingênuas. Do lado esquerdo, uma Bíblia aberta no Evangelho de S. João. Dizem que é o mais esotérico de todos os evangelhos. Eu estava sentado há cerca de três horas. Olhei para cima e descobri, bem no centro do tecto de um metro quadrado, um olho que me fixava, questionando-me, sorrindo, numa quietude exemplar e nada própria de um olho. Um só olho, numa córnea triangular, que raiava chispas prateadas, mas que, com a titubeante luz da vela, manchava-se, por vezes, de um falso amarelo como se fosse ouro.

Eu estava cagado de medo.



Já estava combinado com um tal Matias, amigo do Cerqueira, que eu conhecera à porta do liceu das miúdas há vinte e tal anos, que passasse por minha casa às quatro e meia da tarde. Quando chegou vi-o logo: era um tipo obeso, ágil, descontraído e simpático.

– Entre no carro, vamos iniciar já a sua última viagem! – Imagine-se, a minha última viagem!

Dirigiu o seu velho *Volkswagen Polo* branco em direcção à Serra. Cortou por atalhos que iam dar a estradas secundaríssimas. Falava pelos cotovelos. Eu nem o ouvia. Estava atento à minha última viagem. Sem saber lá muito bem porquê, mas era a última viagem. Parou tranquilamente no meio do alcatrão, ajeitou-me com cuidado o banco; *ai, ai-ai, ai-ai!*, passou-me pela cabeça, enquanto olhava à velocidade de quarenta e oito fotogramas por segundo, em todas as direcções; pediu-me que inclinasse a cabeça para o encosto, que me tranquilizasse, que suspirasse fundo, que fechasse os olhos, que não pensasse em nada. *Não me digas que, na minha última viagem, o gordo vai querer ir-me ao cu*, pensei, desconfiado, mas respondendo a todos os seus pedidos, esmagando o *terminus* do aparelho digestivo contra o banco do carro. O Matias pôs, entretanto, a tocar no leitor de CD's um tema dos *Pink Floyd*. Que era espiritual!

Os *Pink Floyd!* Espiritual!

Arrancou com o carro, de seguida, passeando por estradas de terra batida, no meio do arvoredo da Serra. Estava a escurecer ou era já a luz que me estava a faltar.

– A sua demanda da luz já começou – disse-me – deverá procurá-la incessantemente, incessantemente.

Era formal no que dizia. O Matias era um falso formal. Dizia tudo como se fosse a mais perfeita e singular conclusão de qualquer coisa. Ao mesmo tempo ria-se muito.

Eu nunca tinha visto um tipo rir-se assim. Ria-se por tudo e por nada. Gargalhava. Espalhafatoso. Bonacheirão. Ria-se.

– E como é essa tal demanda? – perguntei-lhe.



– Fácil. Muito fácil. Irá vivenciar um dos mais belos momentos da sua vida: a sua morte.

A minha morte, perceberam bem? A minha morte!

– A minha morte? – perguntei-lhe, à rasca, com essa de ir morrer sem saber, às cinco e quarenta da tarde, no meio da Serra.

– Sim, a sua morte. É para isso que aqui estamos. Ou não é? Espero que o Cerqueira lhe tenha contado tudo. Ou não lhe disse nada? Ele, com certeza, na sua pré-preparação explicou-lhe pormenorizadamente todos os passos. Ou não?

O Cerqueira não me tinha dito nada: só me dissera que o gordo ia buscar-me a casa para nos encontrarmos à porta do Templo, jantarmos, conversarmos um pouco e depois logo se via...

– Não, não. O Cerqueira, de facto, não me disse nada. Apenas que o Matias vinha buscar-me a casa para nos encontrarmos.

– Ah, ele não disse nada?! É um malandrão, este Cerqueira! – ria-se desalmadamente, perdido de gozo – Então, ele não lhe disse nada? – E ria-se, ria-se até às lágrimas, enquanto acelerava o seu *Polo* pelas estreitas e sinuosas estradinhas da Serra.

– Não. – Insisti. – Ele apenas me falou durante uns minutos ao telefone. Nada mais. Nada mais. Este último «*nada mais*» já tinha sido dito mais para mim do que para ele, era como se eu me tivesse resignado à ideia da minha última viagem, era como se a paisagem tivesse ficado, de repente, negra e habitada por gritos e súplicas dos inúmeros pecadores, almas perdidas entre o Inferno e o Purgatório, essa zona de ninguém, de contrabando espiritual, de saques ao espírito alheio, de trocas e comércios ilegais de religiões e sub-religiões, de seitas e rituais de pedidos de clemência, eu sei lá, ali perdido no meio de desconhecidos invisíveis que gritavam com a dor e o testamento das suas próprias vidas, que pediam o incompreensível num longo e doloroso «tirem-me daqui», sem saberem lá muito bem por que estavam ali, exactamente como eu. E quando cheguei a pensar iniciar também os meus gritos, as minhas súplicas, o Matias deu-me um ligeiro encontrão no meu braço e disse:



– Então, bem-disposto? Esta Serra é de uma rara beleza! Olhe-me só para esta vegetação luxuriante. Tudo isto que você vê é apenas um reflexo. Apenas um reflexo, meu caro. Um reflexo dos soberbos mundos interiores, dos mundos subterrâneos, dos universos perdidos e secretos que por debaixo dos nossos pés coabitam. Um mundo de seres que vivem noutra dimensão. O mundo dos mestres ocultos. Felizardo daquele que por eles for escolhido. Vêm cá acima, são como nós, está a ver?, preparam o eleito, digamos que o cultivam previamente antes do grande confronto. E depois, levam-no.

– Assim, sem mais nem menos? – perguntei, estonteado com aquela conversa.

– Exactamente. Sem mais nem menos. – disse-me peremptório.

– E nunca mais voltam?

– Voltam. Com certeza que voltam. Nós é que nunca saberemos quem são eles. A nossa vida é trabalharmos para que um dia nos venham buscar. Espiritualmente, claro. Mas primeiro é necessário morrer. Isso é indispensável.

Outra vez a morte. Este tipo só fala da morte. Mas ele estava ali bem vivinho da costa. E eu a ver... tudo a ficar para trás. Tudo. Como se fosse acabar ali. O que viria a seguir?

– Você está a querer dizer-me que existem outros mundos debaixo da terra? Com gente mais evoluída que vive mesmo por debaixo dos nossos pés?

– Exactamente.

– Eu já ouvi muita coisa: extraterrestres, ovis, mundos paralelos etc. Mas nunca tinha ouvido falar nesses tais mundos subterrâneos.

– Esses são os verdadeiros universos ocultos. Os discos voadores, de que você ouve falar tantas vezes, não são objectos vindos dos espaços longínquos da Terra, mas sim do seu interior. Por exemplo, a cerca de seis quilómetros, na vertical, a partir da base da Serra de Sintra, poderemos encontrar uma das mais belas cidades subterrâneas e uma das mais importantes do segundo anel espiritual, a luminosa cidade de



Badagas. O seu núcleo, onde residem os mestres dos mestres ocultos, os sábios desconhecidos, está protegido por sete anéis de templos iniciáticos, por onde passam todos aqueles que são cooptados pelos seus emissários à crosta. É um mundo fascinante. Você nem pode fazer a mais pequena ideia.

Não, não fazia a mais pequena ideia do que falava. Tudo aquilo era inverosímil. Histórias da carochinha para adultos. Mas o gordo era convicto no que dizia. Falava como se fosse um cliente assíduo dos bares subterrâneos da tal mítica cidade de Badagas. Que raio de nome! Badagas?!

– E você já lá foi abaixo? – fui corajoso com esta pergunta.

– Ah, ah, isso é que não lhe posso dizer, meu caro. É cedo. É muito cedo. – Atalhou o Matias. – Estamos a chegar. Vou arrumar já aqui.

Subiu o passeio largo de uma pequena praça acolhedora e estacionou.

Mas o Cerqueira não estava lá. Eram seis e meia da tarde. E o Cerqueira não estava lá. Parecia que toda a minha vida se complicara naquele preciso momento. Fiquei imóvel. Branco. Paralisado. Não ia desatar a fugir, à toa, do carro, ou, então, dar dois murros no gordo e pirlar-me. Não. Não era capaz de fazer nada. Estava imobilizado. Diria: em pânico.

Sáimos do carro. Olhei para todos os lados para ver se via o Cerqueira e nada. Rodava a cabeça em todos os sentidos e nada.

– Vamos? – Sugeriu o Matias.

– Para onde? – Perguntei um tanto assustado.

– Então, agora você vai entrar em profunda meditação. Vou colocá-lo na Câmara de Reflexões. É aí onde se morre. Você vai ter de interiorizar o seu estado de putrefacção. Você vai ficar completamente podre. Vai desintegrar-se. E esse é, sem dúvida, o momento mais difícil. Vai cheirar mal. Um cheiro nauseabundo. Os elementos vão corrompê-lo; e morre. Você vai morrer na Câmara de Reflexões como se morre numa Câmara de Gás: lentamente. Muito lentamente.



– E quanto tempo é que isso demora? – Perguntei sem saber o que é que estava a acontecer na minha vida. – Depende. Tudo depende.

– Depende de quê?

– Bom, depende da hora a que começarmos a sessão. Temos de preparar o Templo com todos os seus objectos ritualísticos e, depois, fazer a abertura do ritual de recepção e iniciação à cavalaria espiritual. Sempre demora algum tempo. Mas não se preocupe. Você, entretanto, vai morrendo. Vai morrendo. Até ficar completamente morto. Simbolicamente, claro.

